

DIVULGAÇÃO

Crítica // Nouvelle vague ★★★★★



Nada vago: retrato de uma onda densa

Ricardo Daehn

Um filme que volta ao passado — sob os charmosos acordes de música sessentista — para reverenciar uma energia colossal no cinema: a obra inaugural do universo do diretor Jean-Luc Godard, *Acoussado* (1959), que inspirou a avalanche de 150 cineastas a atirarem-se na produção de filmes, na França, em três anos.

Em busca de uma “produção normal”, na trama, Georges de Beaugregard (Bruno Dreyfurst) arrebatou o grupo Godard (Guillaume Marbeck), cineasta, e os atores

Jean-Paul Belmondo (Aubry Dullin) e Jean Seberg (Zoey Deutch). O problema é que Godard assume: fizesse ele, em cinema, algo sobre Jesus, filmaria na tal adaptação, “o que ficou de fora da *Bíblia*”. No set, Godard imprime parâmetros, a maquiadora ficará sem função; a continuísta, desprezada; o produtor será digno de rasteira e, os atores, falarão qualquer coisa, em cenas a serem dubladas.

Desprendido de modelos, Richard Linklater, o diretor de Nouvelle Vague, que já respondeu por *O homem duplo*, *Assassino por*

acaso, *Boyhood* e *Antes do anoitecer* (e outros dois títulos da trilogia), investe, em estilo documental, no meio godardiano: capta o clima da importante publicação *Cahiers du Cinéma*, quebra regras, ostensivamente, das expectativas da montagem, fomete a linha conceitual das fitas celebradas depois do marco de *Os incompreendidos* (1959), no Festival de Cannes que celebrou François Truffaut.

Algo hermético para o público em geral, Nouvelle vague (indicado ao Globo de Ouro de melhor musical ou

comédia) se assemelha ao monumental *Babilônia*, de 2022, mas em tom discreto e em preto e branco. Na narrativa o cinema rima com libertação (como ressaltado no roteiro) de terrores: as sessões de cinema representam a fuga do “terror da escola” e do “terror da vida real” (na visão do personagem de Truffaut) enquanto Godard brada aos colegas diretores: “o cinema não deveria nos libertar do terror de fazê-los (os filmes)”. Uma cascata de nomes e referências enchem a tela.

Entre plágios e “homenagens”, o Godard

do filme de ficção pesca inspirações, para si, em Samuel Fuller e Ingmar Bergman. Nos bastidores da realização de *Acoussado*, Godard tropeça em figuras como os diretores Jean-Pierre Melville e Robert Bresson, como num sonho para os cinéfilos (espectadores), trata de Otto Preminger e Roberto Rossellini e das roteiristas Suzanne Schiffman e Liliane Dreyfus (esta também atriz). “A arte e o crime carecem de lazer para prosperar”, defende o fictício Godard da telona, num filme que implanta lendas e encanta pela luminosa fotografia de David Chabille.